

## ENTREVISTA COM AXEL HONNETH AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO MUNDO ATUAL

Elsa Cristine Bevia<sup>1</sup>

O Instituto de Pesquisas Sociais (*Institut für Sozialforschung*) foi fundado em 1923, como um anexo da Universidade de Frankfurt, hoje intitulada *Johann Wolfgang Goethe-Universität Frankfurt am Main*. A Escola de Frankfurt, desde 1930, foi dirigida por Max Horkheimer, e reunia pensadores como Theodor W. Adorno, Erich Fromm, Herbert Marcuse, e, contou também como membro do "círculo de fora" do Instituto, Walter Benjamin. Estes intelectuais formularam, como sabemos, o que conhecemos como "Teoria Crítica".

Nos anos sessenta, temos a "segunda geração", marcado pela obra de Jürgen Habermas. Aquele que foi seu assistente entre 1984 e 1990, Axel Honneth, veio a ser o Diretor do Instituto frankfurtiano desde 2001. Com ele inaugura-se a "terceira geração" da Escola, cuja proposta consiste em relançar a "Teoria Crítica", sobretudo a partir do livro *Kampf um Anerkennung. Zur moralischen Grammatik sozialer Konflikte*, de 1992 (publicado no Brasil como *Luta por reconhecimento - A Gramática Moral dos Conflitos Sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003), tendo como ponto de partida a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Honneth centra sua reflexão na "teoria do reconhecimento" e, através dela, são apresentados os limites da obra das gerações de frankfurtianos anteriores. A falta de reconhecimento passa a ser vista como base dos conflitos interpessoais, sociais e políticos na atualidade. Mais recentemente, Honneth publicou *Das Recht der Freiheit* (Berlin, Suhrkamp, 2011 - O direito à liberdade) e *Die Idee des Sozialismus* (Berlin, Suhrkamp, 2015 - A ideia do socialismo), sustentando que o socialismo está vivo como ideia, e tem como cerne a liberdade social.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Mestre em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí. Professora na área do Direito na Fundação Universidade Regional de Blumenau, Centro de Ciências Jurídicas, Blumenau, SC, Brasil. E-mail: [elsabevia@gmail.com](mailto:elsabevia@gmail.com)

Foi durante a realização do estágio doutoral, em 2014, no Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, que aconteceu o encontro e a entrevista com o Diretor do Instituto, Axel Honneth. O foco da breve entrevista, aqui apresentada no original alemão e em tradução portuguesa<sup>23</sup>, são as análises das relações de trabalho no mundo atual. Para introdução à entrevista, apresentei o texto que aqui segue parcialmente:

**Elsa C. Bevia:** Professor Honneth, estou estudando o reconhecimento como estrutura própria para aplicação nas estruturas sociais, como categoria social. O papel do trabalho, na luta articulada para construção do sujeito de direitos e o seu reconhecimento. Estou investigando como o trabalhador pode encontrar seu espaço moral e político no mundo do trabalho, com a economia globalizada. Estudo o fenômeno do adoecimento dos trabalhadores, especialmente com as doenças ocupacionais (lesões por esforços repetitivos e doenças psíquicas, como a depressão, decorrente do trabalho).

Na sua obra, *Luta por Reconhecimento*, o Sr. escreve que o dano físico se converte em uma injustiça moral, se a pessoa afetada vê nesta atuação um menosprezo intencional, que afeta seu bem-estar. E esta pode ser considerada a forma mais básica de humilhação do ser humano, que o priva da autonomia física em sua relação consigo mesmo, e com isto, destrói parte de sua confiança básica no mundo.

Estas doenças ocupacionais provocam seqüelas, dores, atrofia do corpo. Pode-se afirmar que é uma das formas mais cruéis da atual exploração capitalista, isto sem falar, é claro, no desespero provocado pelo desemprego. O trabalhador não quer adoecer, mas também não quer perder o emprego. Por esta razão, acaba se sujeitando a relações desumanas no local de trabalho, com ritmos de trabalho muito acelerados, longas jornadas de trabalho e ainda com assédio moral, para que ele produza mais, em menos tempo e com qualidade, e para que os produtos sejam competitivos no mercado global.

Também estou analisando quais as possibilidades de ação e resistência que os trabalhadores encontram para a prevenção das doenças ocupacionais, e

---

<sup>2</sup> A entrevista gravada foi transcrita e depois traduzida por Klaus Rehfeld

<sup>3</sup> O texto final em português e em alemão contou com a releitura e revisão de Selvino Assmann.

verificando se há e quais são os espaços para uma forma de vida livre, de cuidado de si, e não de mera capacidade de produzir novos objetos de consumo. Alternativas através das quais os trabalhadores, com resistência e coragem, terão que encontrar a sua solução, a fim de garantir sua saúde física e mental, dignidade e vida feliz.

As incertezas vão aumentando e os questionamentos surgem: onde está a saída? Para onde os trabalhadores devem caminhar? O que vai acontecer depois da barbárie? O problema está nas normas? Ou no sistema capitalista? Será que as instituições não estão cumprindo seu papel? Será que os trabalhadores estão anestesiados ou cegos, inertes, pois não se sensibilizam para criar mecanismos e instrumentos de luta contra a realidade que os explora?

Há o divórcio entre o poder e a política, pois o poder econômico, que subjuga as relações políticas, está globalizado, porém, a política ainda localiza-se no âmbito local, como afirma Bauman. As organizações internacionais não estão conseguindo equilibrar as relações econômicas entre as nações e muito menos frear a sede de lucro do sistema financeiro internacional. A Organização Internacional do Trabalho – OIT, por exemplo, limita-se a instituir Convenções Regulamentadoras do Trabalho; no entanto, os Estados, que se dizem “soberanos” por princípio constitucional, não são obrigados a ratificar estas Convenções, incorporando-as ao seu ordenamento jurídico.

O trabalhador não sabe mais quem ele é, inclusive porque ter consciência do seu ser e agir politicamente no mundo do trabalho, na sociedade capitalista globalizada, não é tarefa fácil, prevalecendo, muitas vezes, a sujeição do trabalhador ao invés da resistência e da emancipação. Os trabalhadores estão cada vez mais inseguros e adoecidos, diante da competitividade mundial e do fantasma do desemprego, e o trabalho é mais alienado hoje. Nesta conjuntura, o Senhor entende que se trata de um problema cultural, de identidade ou estrutural, gerado pelo próprio sistema capitalista?

Embora os conceitos ou categorias tenham se modificado na história, o valor do trabalhador continua sendo menor, ainda é explorado. A exploração permanece no sistema, ainda que o trabalhador tenha ampliado direitos. Se (ainda) há ou não a centralidade do trabalho, não basta reconhecer direitos, pois existe uma fragmentação significativa e impactante. O próprio sistema sindical está esfacelado, mimetiza o que a empresa é, não consegue garantir direitos...

O Senhor acredita que podemos mudar este panorama, transformando a realidade? Como lutar pelo reconhecimento de direitos e pela solidariedade no trabalho, sabendo como a vida no trabalho é hoje? Como resgatar esta idéia de reconhecimento do plano abstrato para o real?

Como o Senhor avalia o adoecimento dos trabalhadores, que sofrem de doenças ocupacionais, como a LER/DORT, síndrome de *burnout*, assédio moral e outras, no sistema capitalista da globalização da economia?

Assim, passamos à entrevista com Axel Honneth, realizada em abril de 2014, nas dependências do Instituto de Pesquisas Sociais, em Frankfurt:

**Elsa C. Bevia.** *Na sociedade capitalista globalizada, os trabalhadores estão cada vez mais inseguros e adoecidos, diante da competitividade mundial, reestruturação produtiva e do fantasma do desemprego. Nesta conjuntura, o Senhor entende que se trata de um problema cultural, de identidade ou estrutural, gerado pelo próprio sistema capitalista? Em seu trabalho, o Sr. insiste na questão do reconhecimento dos aspectos simbólicos e culturais e a dimensão normativa relacionada com a validação das atividades econômicas. Com a sua teoria do reconhecimento, como podemos levar em conta as questões que se relacionam com o funcionamento do sistema capitalista e que afetam os problemas encontrados para os trabalhadores?*

**Axel Honneth.** Inicialmente talvez deva ser dito que algumas questões são mais bem respondidas em meu último livro *‘Das Recht der Freiheit’* (O Direito à Liberdade) do que em *‘Der Kampf um Anerkennung’* (A Luta pelo Reconhecimento). No que se refere à primeira pergunta, é tudo muito complicado. Sou um pouco cético sobre se tudo pode ser dito de forma tão generalizada, como a Senhora o coloca na primeira pergunta. Primeiramente, o mundo capitalista não é um mundo uniforme, mas é extremamente diferenciado entre diversos espaços grandes do capitalismo, e nesses espaços também se pode diferenciar diversas formas do capitalismo. Sim, houve todo o debate sobre as diversas formas do capitalismo. Portanto, não acredito que a situação nos Estados Unidos pode ser simplesmente comparada com aquela na Escandinávia, ou, por outro lado, com a do Japão. Portanto, neste ponto, eu diria inicialmente que existem as necessárias diferenciações que não nos permitem falar de um desenvolvimento uniforme. Além disso, existem dentro dos respectivos

operariados industriais – imagino que a Senhora fala dos trabalhadores industriais, não dos funcionários – naturalmente também entre os trabalhadores da indústria, dentro de um mesmo país, há diferenças extremas. Falamos, portanto, com freqüência, de mercados de trabalho fragmentados, e isso significa que num lado temos trabalhadores altamente qualificados, bem assegurados e apenas moderadamente expostos a todos esses desenvolvimentos, e no outro lado do mercado de trabalho, encontramos um operariado desqualificado, frequentemente não mais tendo uma contratação fixa, mas vive em condições de trabalho precárias, e que também é atingido pelo desenvolvimento, aqui descrito pela Senhora, de maneira muito mais significativa e mais sistemática. Por isso, resisto um pouco a aceitar de certa forma as tendências que a Senhora descreve aqui, razão pela qual também não consigo responder de maneira uniforme. Acredito que a Senhora entenda o que quero dizer. É uma diferença muito grande partir de um operariado qualificado que ainda possui certa tradição de orgulho pelo trabalho, ou de um operariado que não é especialmente qualificado, que não mais dispõe da perspectiva a uma ocupação de duração e que não se vê inserido na tradição dos movimentos operários. Portanto, quero dizer, a situação do operariado, isso é, do operariado de ocupação precária é sem comparação pior do que aquela do operariado altamente qualificado e de emprego duradouro.

O que digo agora, vale principalmente para a Europa ocidental, mas também vale moderadamente para os Estados Unidos, também para o Japão. A China excluo, porque sobre os países em desenvolvimento não conheço o suficiente neste aspecto, ou seja, sobre o Brasil, por exemplo, ou sobre a Índia, ou países semelhantes; acho muito difícil avaliar daqui e sem distinção. Além disso, não se deve subestimar um desenvolvimento bem diferente, acima de tudo também novamente nos países do moderno capitalismo, esse é o desenvolvimento que antigamente era uma vez designado como a imposição da sociedade de prestação de serviços, isso é, o próprio trabalho industrial foi, em grande parte, pelo menos do ocidente capitalista, empurrado em direção à periferia e não mais constitui o verdadeiro centro principal do trabalho socialmente organizado. O centro gravitacional do trabalho socialmente estruturado situa-se atualmente com dois terços em atividades bem diferentes daquelas do trabalho industrial. Isso levou a um enorme enfraquecimento dos movimentos trabalhistas que sempre se mostram

novamente na Alemanha, de forma mais nítida quando se pergunta quais grupos realmente dispõem do maior potencial de greve, e esses, há muito tempo, não são mais os trabalhadores, mas os pilotos de avião, como acabamos de ver<sup>4</sup>. São todos aqueles que nos meios de comunicação e de tráfego ocupam funções centrais. Esses parecem dispor hoje de um enorme poder de greve, enquanto a parada do trabalho numa empresa industrial não inquieta quase ninguém, até a empresa consegue lidar com isso mais facilmente do que a Lufthansa com uma greve dos pilotos. Portanto, ali também devem se ver neste ponto tendências objetivas, e não apenas subjetivas. São tendências objetivas, que despediram o trabalho industrial de seu papel central para a produção da sociedade, colocando em seu lugar outras formas de atividades em primeiro plano. Estas outras formas de atividades não dispõem de qualquer tradição, de qualquer tradição socialista, e além disso são individualizadas em grau muito maior, de maneira que a partir disso consegue crescer muito menos potencial de desenvolvimento.

**ECB.** *Embora os conceitos ou categorias tenham se modificado na história, o valor do trabalhador continua sendo menor, ainda é explorado. A exploração permanece no sistema, ainda que o trabalhador tenha ampliado direitos. Se ainda há ou não a centralidade do trabalho, não basta reconhecer direitos, pois existe uma fragmentação significativa e impactante. O próprio sistema sindical está esfacelado, reproduz o que a empresa é, não consegue garantir direitos. O Estado também não consegue, está subjugado pelo capital, e há um esvaziamento das consciências. Pergunto: O Senhor acredita que podemos mudar este panorama, transformando esta realidade? Como lutar pelo reconhecimento de direitos e pela solidariedade no trabalho, sabendo como a vida no trabalho é hoje?*

**AH.** Temos certa tendência de dizer, ou, digamos, eu analisaria isso com relação a seus aspectos simbólicos e culturais. Na verdade, eu nunca queria isso, este é o mal entendido que surgiu às vezes de que todo o aparelho de categorias da luta pelo reconhecimento em sua essência está talhado para aspectos simbólicos e culturais. Na realidade, eu queria mostrar muito mais em princípio que o menosprezo pelo

---

<sup>4</sup> O entrevistado refere-se à greve dos pilotos da companhia aérea alemã Lufthansa, ocorrida em abril de 2014.

trabalho industrial possui uma negação da realização produtiva de uma determinada classe de pessoas, profundamente gravada no sistema capitalista. E é muito profundamente gravado. Isso não é um fenômeno cultural de superfície, mas se encontra nas estruturas, eventualmente nas estruturas de uma economia capitalista, que precisa justificar porque os lucros dos empresários são altos e os rendimentos do trabalho são baixos. E para esta justificativa, argumenta-se que o trabalho do empresário é sempre descrito como mais valioso do que aquele do trabalhador na indústria. Mas isso é uma realidade estrutural dos sistemas capitalistas, que eu descrevo como a emanção de um reconhecimento assimétrico, para assim dizer. A questão, como se consegue combater isso, é tão grande que não consigo, sem mais nem menos, respondê-la. Acho que isso é, em princípio, uma pergunta sobre se existem chances de recuperar um movimento, uma forma de movimento, que tenha por tarefa de lutar no futuro pela avaliação mais elevada dessas atividades. Às vezes há novamente rasgos de esperança e, às vezes, há recaídas. Por exemplo, o fato de que a grande coalizão na Alemanha, portanto, o governo, se obrigou a introduzir salários mínimos poderia ser visto como rasgo de esperança. Afinal, isso manifesta publicamente que o trabalho – e assim também fundamentou a respectiva ministra – vale mais do que deve ficar expresso pela maioria dos salários. Isso, portanto, é uma parte dessa luta, da batalha constante, e nisso, muitos pequenos elementos têm seu papel, como sistemas de seguro, formas de remuneração, métodos de seguridade, o modo dos contratos salariais; são eles contratos salariais estáveis e duradouros, isso é, contratos de rescisão, ou são eles contratos de tempo limitado, tudo isso pertence a esse todo, de certa forma os princípios pelos quais se batalha em lutas trabalhistas diárias. E a única esperança que se pode aí alimentar é que essa luta pode ser de novo travada abertamente ou com a ajuda de partidos ou sindicatos revitalizados, ou num movimento trabalhista revigorado, para o qual vejo, no entanto, poucos indícios. Acho que o obstáculo principal para o revigoreamento de um movimento trabalhista é o fato de termos um mercado de trabalho fragmentado, isso é, que o movimento dos trabalhadores, ou o movimento sindical praticamente não têm condições de unificar os interesses dos trabalhadores tão diferenciados de uma maneira que dali possam ser desenvolvidos estabelecimentos de objetivos comuns. A situação dos empregados por tempo limitado, daqueles que trabalham sob condições de contratos de tempo limitado, é totalmente diferente daquela de

trabalhadores qualificados, por exemplo, no ramo automotivo ou da indústria química na Alemanha, porque os sindicatos encontram-se diante do problema praticamente insolúvel de não mais conseguir ser uma organização de teto dos diferentes agrupamentos de trabalhadores. E foi nisto que, em minha opinião, fracassou a maioria dos movimentos sindicais dos últimos 30 ou 40 anos. Mas isso é um problema estrutural de localização profunda, não se trata simplesmente de um fracasso dos sindicatos, mas é um problema objetivo para o qual, da maneira como vejo, os sindicatos ainda não encontraram uma solução verdadeira e definitiva. Por isso, acredito e já disse no início, que é preciso simplesmente estudar a infindável quantidade de facetas do mercado de trabalho para ganhar clareza quem é atingido como e por qual desenvolvimento, qual potencial para a resistência se oferece objetivamente. Vê-se pouco potencial de greve. O potencial de greve diminui em sua totalidade nesses grupos e migrou para determinados segmentos de funcionários, e aquela parte dos funcionários que possuem grande poder para a paralisação de grandes vias de comunicação. Uma greve dos correios, por exemplo, ou uma greve de pilotos ou de ferroviários, é hoje mais perigoso do que uma greve na indústria automotiva. Por isso, essas são as únicas greves que hoje ainda conhecemos. Por outro lado, as greves como as clássicas greves da indústria automobilística, são hoje quase insignificantes. E os trabalhadores sabem disso de conclusão própria. Até na França não existe mais, como há 30 ou 40 anos, o grande número de lutas trabalhistas nas concentrações industriais. Mas é preciso também entender isso do lado objetivo para não ver nisso simplesmente o produto da burguesização do operariado ou uma idealização do operariado. O fato é que, e isso também é de certa forma o jogo da política capitalista, o capital, como a Senhora também diz, atua muito mais globalmente, isto é, as indústrias podem ser facilmente e a qualquer hora deslocadas, de maneira que a greve em um local sempre corre o risco de que a produção possa ser de alguma maneira deslocada. Atualmente, consegue-se agir de maneira tão globalizada, que uma greve na Opel em Rüsselsheim é atenuada pela General Motors, que é proprietária da Opel, deslocando partes da produção para outros locais de produção. Com isso, o operariado torna-se impotente, o que significa hoje, naturalmente, um temor constante diante da ameaça do desemprego, que leva certamente o operariado como um todo a uma postura de resignação. E o fato de que não existem no momento visões de um estado para além do capitalismo,



não há visões para uma vida para além do capitalismo, é um problema objetivo. E como se luta contra isso, se existe forma de mudar isso como intelectual, fica para mim totalmente incerto.

**ECB.** *Marx afirma que o Estado está pervertido e a serviço do capital. Hegel diz que o Estado é a totalidade das coisas, que subjuga o capital e a economia. Quem está certo? A ordem jurídica da sociedade em que prevalece o capital é a ordem em que tudo pode, se o capital puder continuar sem ser questionado. O Senhor visualiza qual tipo de Estado que a médio ou longo prazo conseguirá superar a desigualdade social?*

**AH.** O Estado – esta é a terceira pergunta –, acredito que o Estado sempre é ambos, portanto, a Senhora diz, quem tem razão, Marx ou Hegel, acredito que o Estado, pelo menos pela regras democráticas, apresenta-se com a reivindicação do público geral, conforme diz Hegel, e fere essa reivindicação mediante uma prática unilateral em favor da manutenção da capacidade de rendimentos de empresas, portanto, a dependência do capital. Nas últimas décadas, esta dependência até cresceu enormemente pelo fato dos Estados serem todos endividados com investidores privados ou fundos de investimentos, etc. Isto significa naturalmente que o Estado, o Estado democrático, que se apresenta com a reivindicação do público em geral, e também na representação dos interesses de todos, que esse Estado se encontra num dilema. A política democrática encontra-se no dilema de não conseguir tangenciar as condições de existência da economia de constituição privada, mas no outro lado também sempre ter de impor os interesses daqueles que, com bons motivos, querem também se ver representados por este Estado. Desta maneira, o Estado, o Estado democrático, encontra-se já há décadas num dilema crescente, ou numa tensão crescente que, às vezes, só consegue resolver por meio de reformas problemáticas. O programa 'Reforma Harz-4'<sup>5</sup> foi uma dessas soluções

---

<sup>5</sup> A Lei Hartz IV, que entrou em vigor na Alemanha no dia 1º de janeiro de 2005, prevê: redução da duração das indenizações de três para um ano; enrijecimento das condições de acesso e obrigação de aceitar qualquer trabalho proposto. Para ter direito ao subsídio de desempregado é preciso ter assumido emprego por pelo menos doze meses no curso dos dois anos precedentes à perda do mesmo. Após um ano de subsídio, o desempregado receberá a ajuda social (equivalente a uma renda de solidariedade) igual a 359 euros por pessoa, reavaliado em 374 euros. Há redução nas indenizações pagas aos desempregados de longa duração que rejeitarem aceitar trabalhos

problemáticas, que, no entanto, levou à possibilidade de redução do desemprego e dessa maneira conseguiu apaziguar pelo menos parte dos interesses daqueles que não se sentem representados. Certamente – como devo dizer – existe na Alemanha uma aprovação singularmente tardia da reforma ‘Harz-4’, porque existe pelo menos a impressão, que ela levou a uma redução do desemprego. E dessa maneira, toda reforma é medida pela escala, em princípio – direi isso de uma maneira um pouco problemática – do Estado democrático atuante, sob utilização do princípio de diferenças de Rawls – digo assim – no que tudo depende de como se interpretam as situações empíricas. Portanto, nosso ministro da economia diz que podemos fixar o imposto sobre empresas com tanta precisão em tal patamar que com isso não surge o risco de uma redução da força do trabalho. Esse é o argumento de Rawls, é o argumento puro de Rawls, portanto, precisamos redistribuir a favor dos menos favorecidos. Mas, a redistribuição deve considerar as condições de estabilidade do sistema. E, por isso, acredito, que cada mercado tem razão quando afirma ser democrático.

**ECB.** *No final de sua obra, Luta por Reconhecimento, o Senhor afirma que “há uma tensão insuperável, que é a de não renunciar à tarefa de introduzir os valores materiais ao lado das formas de reconhecimento do amor e de uma relação jurídica desenvolvida, os quais devem estar em condições de gerar uma solidariedade pós-tradicional.” A partir desta afirmação, que sugestões o Senhor daria aos trabalhadores, para que possam alcançar uma vida digna no trabalho e evitar que adoçam, neste mundo de metas, ritmos e exigências exageradas, onde o valor do humano é subtraído?*

**AH** ... eu acredito, mas esse não é um conselho novo, apenas impulsiona a comunicação de baixo, isso é, de resistir às tendências de individualização impostas e sempre dar novos passos na comunicação, ou seja, a formação de grupos

---

subqualificados. Os desempregados devem aceitar empregos de um salário de 01 euro por hora (adicional à ajuda-desemprego que percebem). Existe possibilidade de reduzir as indenizações dos desempregados que fizeram poupança, e, portanto, possibilidade de acesso às contas bancárias dos “assistidos”; possibilidade de avaliar a qualidade do alojamento do “assistido” e de pedir, se necessário, uma transferência. (Os beneficiários da ajuda social HARTZ IV são estimados em 6,6 milhões, sendo que 1,7 milhões são crianças.) Cf. LAZZARATO, Maurizio. La fabbrica dell'uomo indebitato. Saggio sulla condizione neoliberalista. Roma: DeriveApprodi, 2012, pp.5-21. Trad. port. de Selvino J. Assmann (Nota da entrevistadora).

certamente ajuda, a formação de grupos fortalece. Não se trata, pois, mais de ser um ator isolado, mas de apresentar-se como membro de um grupo social, e por isso, acredito, todas as medidas que se podem tomar começam bem embaixo, lá onde se deve resistir às tendências forçadas para uma individualização. Também isso é bastante diferente em campos diversos de trabalho. Existem atualmente formas de atividades societárias que por si são extremamente isoladas. Nas investigações do proletariado da prestação de serviços ficou claro que aqueles que estão ocupados nesse setor dificilmente têm contato para a cúpula da empresa, quase não têm contato com os colegas de trabalho, com os outros que trabalham com eles, mas ficam sentados em frente de seu monitor ou até trabalham em casa, e como tais já têm locais de trabalho isolados. Isso, por sua vez, é bem diferente na indústria, porque aqui ainda predominam relações de trabalho e condições de trabalho, que obrigam a manutenção de trabalho em grupo. Quando eles trabalham em conjunto na linha de montagem, já constituem um grupo a partir dessa situação. Mas, interessantemente, também as categorias de trabalho, das quais se espera mais que seguem uma atividade muito isolada devido à sua alta qualificação, foram às vezes comunizadas. Acredito que a situação dos pilotos é realmente interessante. São pessoas altamente remuneradas, e devia-se supor que, a partir das suas condições de trabalho, mais pertençam ao tipo do trabalhador isolado. Mas, que eles estão em posição de poderem se reunir para uma greve com grande força e que têm grande potencial profissional, significa que ali os sindicatos foram provavelmente bem sucedidos. Mas isso significa que foram bem sucedidos num segmento de trabalho de alta qualificação, e não num segmento de baixa qualificação, portanto, de fragmentação e precarização que acompanham a baixa qualificação. Nesse sentido, cada luta trabalhista e cada resistência contra as condições que a Senhora descreve, começa sempre com a formação de grupos. E quanto for possível fazer, deve-se contribuir e para isso provavelmente cada sindicalista é requisitado. Globalização... o que se pode dizer a esse respeito? A medida contra isso seria a internacionalização dos sindicatos, que está a caminho, mas é muito difícil. Como um sindicato brasileiro quer poder operar com um sindicato na China, sob condições legais totalmente diferentes, e que provavelmente contém antes órgãos de partido do que órgãos independentes, como pode ali ocorrer uma cooperação?

**TEXTO DA ENTREVISTA EM LÍNGUA ALEMÃ:**

**Elsa C. Bevia** (ECB). *In der globalisierten, kapitalistischen Gesellschaft werden die Arbeiter zunehmend unsicher und erkranken angesichts des weltweiten Wettbewerbs, der Umstrukturierung der Produktion und des Gespenstes der Arbeitslosigkeit. Innerhalb dieser Konjunktur, handelt es sich nach Ihrer Meinung um ein kulturelles Identitätsproblem, oder um ein strukturelles, hervorgerufen durch das kapitalistische System als solches? In Ihrer Arbeit bestehen Sie auf der Frage der Anerkennung der symbolischen und kulturellen Aspekte, sowie der normativen Dimension in Beziehung stehend mit der Gültigmachung der wirtschaftlichen Tätigkeiten. Wie können wir die Fragen, die sich auf das Funktionieren des kapitalistischen Systems beziehen und die von den Arbeitern begehrten Probleme betreffen, innerhalb Ihrer Theorie der Anerkennung berücksichtigen?*

**Axel Honneth** (AH). Man sollte vorweg vielleicht sagen, dass einige der Fragen in meinem letzten Buch, *Das Recht der Freiheit*, besser beantwortet werden als im *Kampf um Anerkennung*. Also, was die erste Frage anbelangt, es ist alles zu kompliziert. Ich bin ein bisschen skeptisch, ob man das alles so generell sagen kann wie Sie das in der ersten Frage sagen. Also erst einmal ist die kapitalistische Welt keine einheitliche Welt, sondern ist extrem differenziert zwischen verschiedenen großen Räumen des Kapitalismus und in diesen Räumen kann man auch verschiedene Formen des Kapitalismus unterscheiden. Ja, da ist die ganze Debatte gewesen über die verschiedenen Formen des Kapitalismus. Ich glaube also nicht, dass sich die Lage in den USA, mit derjenigen etwa in Skandinavien, oder wiederum mit der in Japan einfach vergleichen lässt. Also in sofern würde ich erst einmal sagen, da gibt es die notwendige Differenzierungen die es einem nicht erlauben von einer einheitlichen Entwicklung zu sprechen. Zudem gibt es innerhalb der jeweiligen Industriearbeiterschaften – Sie reden ja von den Industriearbeitern, und nicht von den Angestellten – , da gibt es innerhalb der Industriearbeiter, natürlich auch in einem Land, extreme Unterschiede. Also, wir reden ja häufig von gespaltenen Arbeitsmärkten, das bedeutet, dass wir auf der einen Seite hoch qualifizierte, gut abgesicherte und nur in Massen all den Entwicklungen ausgesetzte Arbeiter haben,

und auf der anderen Seite dieses Arbeitsmarktes eine unqualifizierte Arbeiterschaft haben, die häufig auch gar keine Festanstellung mehr hat sondern in prekären Arbeitsverhältnissen leben, auf die möglicherweise die Entwicklung, die Sie hier beschreiben, noch viel deutlicher und auch systematischer zutrifft. Also, insofern widerstrebt es mir ein wenig gewissermaßen die Tendenzen die sie hier beschreiben so einheitlich zu akzeptieren und daher kann ich auch nicht einheitlich antworten. Sie können wohl verstehen was ich meine. Es ist ein ganz großer Unterschied ob man von einer qualifizierten Arbeiterschaft ausgeht, die noch eine bestimmte Tradition des Arbeiterstolzes hat, oder von einer Arbeiterschaft die nicht besonders qualifiziert ist, die nicht mehr verfügt über die Aussicht der Dauerbeschäftigung und die auch gar nicht mehr in die Tradition der Arbeiterbewegung einbezogen ist. Also ich meine, die Lage dieser Arbeiterschaft, also der prekär beschäftigten Arbeiterschaft ist ungleich schlechter als die der hochqualifizierten dauerbeschäftigten Arbeiterschaft. Was ich jetzt sage gilt vor allem für Westeuropa, gilt aber auch in Massen für die USA, auch für Japan – ja China überbrücke ich zu sehen, da kann ich zu wenig zu sagen, denn über die Schwellenländer weiß ich in der Hinsicht zu wenig, also über Brasilien z. B., oder über Indien, oder ähnliche Länder, das finde ich ganz schwierig zu beurteilen von hieraus, so ohne weiteres. Zudem darf man nicht unterschätzen, eine ganz andere Entwicklung, vor allem auch wieder in den Ländern der kapitalistischen Moderne, und das ist die Entwicklung die früher einmal bezeichnet worden ist als die Durchsetzung der Dienstleistungsgesellschaft, d.h., die Industriearbeit ist selber in großen Teilen, zumindest des kapitalistischen Westen, an die Peripherie gedrängt worden und bildet nicht mehr den eigentlichen Schwerpunkt der gesellschaftlich organisierten Arbeit. Der Schwerpunkt der gesellschaftlichen Arbeit liegt inzwischen zu zwei Dritteln in ganz anderen Tätigkeiten als denen der Industriearbeit. Das hat zu einer enormen Schwächung der Arbeiterbewegung geführt die sich immer wieder in Deutschland am deutlichsten darin zeigt, wenn man sich fragt welche Gruppen eigentlich über das höchste Streikpotential verfügen, dann sind es längst nicht mehr die Arbeiter, sondern Piloten, wie wir gerade gesehen haben. Es sind alle die, die in den Kommunikation- und Verkehrsmitteln zentrale Funktionen beziehen.

Diese scheinen heute über eine enorme Streitmacht zu verfügen, während die Arbeitsniederlegung in einem Industriebetrieb kaum jemand beunruhigt, selbst das Unternehmen kann damit leichter umgehen als die Lufthansa mit einem Pilotenstreik,

also insofern muss da auch objektive Tendenzen sehen, und nicht nur subjektive. Es sind objektive Tendenzen die die Industriearbeit aus ihrer zentralen Rolle für die Produktion der Gesellschaft entlassen haben und an ihrer Stelle andere Tätigkeitformen in den Vordergrund gestellt haben. Diese anderen Tätigkeitformen verfügen aber über keine Tradition, keine sozialistische Tradition, sind zudem in viel höherem Masse individualisiert, sodass sich von dort aus viel weniger Entwicklungspotential entwickeln kann.

**ECB.** *Obwohl sich die Konzepte und Kategorien im Laufe der Geschichte geändert haben, bleibt der Wert des Arbeiters weiterhin niedrig; er wird immer noch ausgebeutet. Die Ausbeutung dauert im System fort, auch wenn der Arbeiter seine Rechte erweitert hat. Die Zentralität der Arbeit mag bestehen, oder nicht, es genügt nicht die Rechte anzuerkennen denn es existiert eine bedeutsame und einschlägige Fragmentierung. Sogar das Gewerkschaftssystem ist zersplittert, es gibt wieder was das Unternehmen darstellt, und kann keine Rechte garantieren. Der Staat kann es auch nicht, er ist dem Kapital unterworfen und es besteht ein Entleeren des Gewissens. Ich frage: Glauben Sie, dass wir dieses Panorama, diese Realität verändern können? Wie können wir für die Anerkennung der Rechte und die Solidarität in der Arbeit kämpfen, wissend wie sich das Leben in der Arbeit heute darstellt?*

**AH.** Wir haben eine gewisse Tendenz zu sagen „ich würde das als eine symbolische und kulturelle... ich würde das auf seine symbolischen und kulturellen Aspekte hin untersuchen. Das wollte ich eigentlich nie, Das ist so das Missverständnis das manchmal entstanden ist, dass der ganze Kategorienapparat des Kampfes um Anerkennung im Wesentlichen zugeschnitten auf symbolische und kulturelle Aspekte ist. Ich wollte eigentlich viel grundsätzlicher aufzeigen, dass die Geringschätzung der Industriearbeit eine tief in das kapitalistische System eingeschriebene Aberkennung der produktiven Leistung einer bestimmten Klasse von Menschen hat. Das ist aber sehr tief eingeschrieben. Das ist nicht ein kulturelles Oberflächen-Phänomen, sondern das ist in den Strukturen, wenn man so will, in den Strukturen einer kapitalistischen Wirtschaft die rechtfertigen muss, warum Unternehmerrgewinne hoch sind, und Arbeitseinkommen gering sind. Und diese

Rechtfertigung wird darüber geleistet, dass die Arbeit des Unternehmers immer als hochwertiger beschrieben wird als die des Industriearbeiters. Das ist aber eine strukturelle Tatsache kapitalistischer Systeme, die ich selber für den Ausfluss einer so zu sagen asymmetrischen Anerkennung beschreibe. Die Frage, wie man dagegen ankämpfen kann ist so groß, dass ich sie gar nicht so ohne Weiteres beantworten kann. Ich meine, das ist, im Grunde genommen, eine Frage danach, ob es Chancen gibt, eine Bewegung zurück zu gewinnen, eine Form der Bewegung die sich zur Aufgabe macht für die Höherbewertung dieser Tätigkeiten in Zukunft zu kämpfen. Manchmal gibt es wieder Lichtblicke und manchmal gibt es Rückfälle. Also die Tatsache dass sich die große Koalition in Deutschland, also die Regierung, sich gezwungen hat Mindestlöhne einzuführen könnte man als einen Lichtblick bezeichnen, immerhin wird damit öffentlich zum Ausdruck gebracht, das Arbeit – so hat es auch die entsprechende Ministerin begründet – mehr wert ist als es in den meisten Löhnen zum Ausdruck kommen soll. Also, das ist ein Teil dieser Kampfes, des ständigen Ringens, und da spielen ganz viele kleine Elemente eine Rolle, Versicherungssystem, Entlohnungsformen, Absicherungsmethoden, die Art der Lohnverträge, sind es stabile, dauerhafte Lohnverträge, also Kündigungsverträge, oder sind es Kurzzeitverträge, das gehört alles mit zu diesem ganzen, gewissermaßen, zu den Prinzipien, um die in täglichen Arbeitskämpfen gerungen wird. Und die einzige Hoffnung die man da haben kann ist, das entweder mit Hilfe von Parteien, oder revitalisierten Gewerkschaften, oder einer wieder erstarkten Arbeiterbewegung, für die ich allerdings wenige Anhaltspunkte sehe, dieser Kampf wieder offen geführt werden kann. – Haben sie verstanden oder... *ja*, {diálogo entre praticipantes, resumindo em espanhol, longe do microfone}. - Ich meine das Haupthindernis für ein Wiedererstarken einer Arbeiterbewegung ist doch, das wir einen gespaltenen Arbeitsmarkt haben, d.h., das die Gewerkschaftsbewegung, oder eine Arbeiterbewegung kaum mehr in der Lage ist die Interessen der ganz unterschiedlich Beschäftigten so zu vereinheitlichen, dass daraus gemeinsame Zielsetzungen entwickelt werden können. Also, die Lage der kurzzeitig Beschäftigten, derer die unter Zeitvertragsbedingungen arbeiten ist doch anders als die Lage der qualifizierten Arbeiter, etwa in der Automobilbranche oder der Chemiebranche in Deutschland, da die Gewerkschaft vor dem kaum lösbaeren Problem steht kein Dachverband der unterschiedlichen Arbeitergruppierungen mehr sein zu können.

Und daran ist, glaube ich, der große Teil die Gewerkschaftsbewegung der letzten 30 oder 40 Jahre gescheitert. Das ist aber ein tief sitzendes strukturelles Problem, das ist nicht einfach ein Versagen der Gewerkschaften, sondern das ist ein objektives Problem für das die Gewerkschaften, soweit ich sehe, noch keine zündende Lösung gefunden haben. Deswegen glaube ich, und habe auch schon zu Beginn gesagt, man muss einfach die unendlichen vielen Facetten des Arbeitsmarktes studieren um sich klar zu machen, wer, wie, von welcher Entwicklung betroffen ist, welches Potential zum Widerstand objektiv gegeben ist. Man sieht eher wenig Streikpotential. Das Streikpotential hat insgesamt nachgelassen in diesen Gruppen, und ist übergewandert zu bestimmten Segmenten der Angestelltenschaft und den Teil der Angestelltenschaft die über eine große Macht verfügen um zentrale Kommunikationswege stillzulegen. Also ein Poststreik ist heute gefährlicher als ein Automobilstreik; oder ein Pilotenstreik oder Eisenbahnerstreik, deshalb sind dies heute auch nur noch die einzigen Streiks die wir noch kennen. Andererseits sind Streiks wie die klassischen Industriearbeiterstreiks sind beinahe bedeutungslos. Und das wissen die Arbeiter aus sich selbst. Selbst in Frankreich gibt es ja nicht mehr wie vor 30 oder 40 Jahren diese große Anzahl von Arbeitskämpfen in den Industriestandorten. Aber man muss es auch von der objektiven Situation her verstehen um darin nicht nur gewissermaßen das Produkt einer Verbürgerlichung der Arbeiterschaft zu sehen oder eine Idealisierung der Arbeiterschaft. Es ist ja tatsächlich so, und es ist auch gewissermaßen das Spiel der kapitalistischen Politik dass das Kapital, und das sagen Sie ja auch, viel globaler tätig geworden ist, das heißt, die Industriestätten jederzeit leicht verlagert werden können, sodass ein Streik an dem einem Ort immer mit dem Risiko einhergeht, dass gewissermaßen die Produktion verlagert wird. Man kann inzwischen so global agieren, dass ein Streik bei Opel in Rüsselsheim, dadurch abgefangen wird von General Motors, die inzwischen Opel besitzen, das Teile der Produktion an andere Stätten verlagert werden. Damit ist die Arbeiterschaft machtlos und das heißt natürlich die ständige Angst heute auch vor der drohenden Arbeitslosigkeit, die die Arbeiterschaft sicherlich im Ganzen in eine eher resignative Haltung führt. Und die Tatsache, dass keine Visionen eines Zustandes jenseits des Kapitalismus im Augenblick vorhanden sind, es gibt keine Visionen für einen Kapitalismus-jenseitiges Leben, das ist ein objektives



Problem. Und wie man da wieder gegen ankämpft, ob man das überhaupt als Intellektueller ändern kann, ist mir vollkommen unklar.

**ECB.** *Marx besagt, dass der Staat verderbt ist und im Dienste des Kapitals steht. Hegel sagt, dass der Staat die Gesamtheit der Dinge ist, der das Kapital und die Wirtschaft unterwirft. Wer hat Recht? Die Rechtsordnung der Gesellschaft in welcher das Kapital vorherrscht ist die Ordnung die alles zulässt solange das Kapital nicht hinterfragt wird. Erkennen Sie welcher Typ eines Staates mittel- oder langfristig die soziale Ungleichheit überwinden kann?*

**AH.** Der Staat, – hier die dritte Frage – ich glaube, der Staat ist immer beides, also, sie sagen, wer hat Recht, Marx oder Hegel, ich glaube der Staat ist, zumindest in den demokratischen Regeln, tritt auf mit dem Anspruch der Allgemeinheit, wie Hegel sagt, und verletzt diesen Anspruch durch eine einseitige Praxis zugunsten der Erhaltung der Renditefähigkeiten von Unternehmen, also die Abhängigkeit vom Kapital. Diese Abhängigkeit hat in den letzten Jahrzehnten sogar enorm zugenommen, dadurch dass die Staaten durchgängig verschuldet sind bei privaten Anlegern, oder deren Anlagefonds usw. Das bedeutet natürlich, dass das Staat, der demokratische, der mit dem Anspruch auf Allgemeinheit auftritt, und auch Vertretung der Interessen aller, dass der Staat sich in einer Zwickmühle befindet. Die demokratische Politik befindet sich in der Zwickmühle auf der einen Seite die Bestandsbedingungen der privat verfassten Wirtschaft nicht tangieren zu können, und auf der anderen Seite aber auch immer die Interessen derer durchsetzen zu müssen die sich aus guten Gründen auch durch diesen Staat repräsentiert wissen wollen. Und insofern befindet sich der Staat, der demokratische Staat, schon seit Jahrzehnten in einer wachsenden Zwickmühle, oder in einer wachsenden Spannung die er manchmal nur durch problematische Reformen offenbar lösen kann. Harz-4 ist eine solche problematische Lösung gewesen, die aber dazu geführt hat, dass die Arbeitslosigkeit reduziert werden konnte, und in sofern zumindest Teile der Interessen derer die sich nicht repräsentiert fühlen befriedigt werden konnten. Sicherlich hat in Deutschland – wie soll ich das sagen – gibt es in Deutschland eine eigentümlich späte Zustimmung zu den Harz-4 –Reform, weil zumindest der Eindruck besteht, dass sie dazu geführt hat die Arbeitslosigkeit zu reduzieren. Und

so wird jede Reform an dem Maßstab gemessen, an dem Maßstab ob das im Grunde genommen – wie soll ich das sagen, also ich sage das einmal ein bisschen polemisch – im Grunde genommen agierenden demokratische Staaten unter Anwendung des Rawlsschen Differenzprinzips – ich sage es mal so – wobei alles abhängt davon wie man die empirischen Situationen deutet. Also, unser Wirtschaftsminister sagt, wir können die Unternehmensteuer so genau so hoch ansetzen lassen, dass damit nicht die Gefahr der Arbeitskraftreduktion [besteht]. Das ist ein Rawlssches Argument, das ist das reine Rawlssches Argument, also wir müssen umverteilen, aber wir könne nur in dem Masse umverteilen, wir müssen umverteilen zugunsten der am schlechtesten Gestellten. Aber die Umverteilung muss berücksichtigen die Stabilitätsbedingungen des Systems. Und insofern glaube ich da hat jeder Markt Recht der behauptet das er demokratisch ist...

**ECB.** *Am Ende Ihrer Arbeit „Kampf um Anerkennung“ versichern Sie dass „es eine unüberwindliche Spannung gibt, welche darin besteht nicht auf die Aufgabe der Einführung materieller Werte neben den Formen der Anerkennung der Liebe und einer entwickelten rechtlichen Beziehung zu verzichten, die in der Lage sein müssen eine posttraditionale Solidarität zu erzeugen.“ Ausgehend von dieser Aussage, welche Vorschläge würden Sie den Arbeitern machen zum Erreichen eines würdevollen Lebens in der Arbeit und zum Vermeiden von Erkrankungen in dieser Welt der übersteigerten Solle, Rhythmen und Anforderungen, wobei der Wert des Menschlichen unbeachtet bleibt?*

**AH.** ... ich glaube, aber dass ist kein neuer Ratschlag, es schiebt nur die Vergemeinschaftung von unten, d.h. sich den aufgezwungenen Tendenzen der Individualisierung zu widersetzen und immer wieder neue Schritte der Vergemeinschaftung zu unternehmen, d.h. die Gruppenbildung hilft sicherlich, die Gruppenbildung macht stark, man ist nicht mehr ein isolierter Akteur, sondern man tritt als Mitglied einer sozialen Gruppe auf, und insofern sind, glaube ich, alle Maßnahmen die man ergreifen kann beginne ganz unten, dort wo den forcierten Tendenzen zur Individualisierung widerstanden werden soll. Auch das ist in unterschiedlichen Arbeitsfeldern wieder ganz verschieden. Es gibt inzwischen Formen der gesellschaftlichen Tätigkeit die sind per se extrem isoliert. Also in den

Untersuchungen zum Dienstleistungsproletariat war deutlich, dass diejenigen die in diesem Sektor beschäftigt sind kaum mehr Kontakt zur Unternehmensspitze haben, kaum mehr Kontakt haben zu den Mitarbeitenden, zu den anderen Mitarbeitenden, sondern vor ihrem Bildschirm sitzen oder sogar zu Hause arbeiten und insofern, als solche gewissermaßen schon isolierte Arbeitsplätze haben. Das ist wiederum in der Industrie ganz anders, weil hier noch Arbeitsverhältnisse oder Arbeitsbedingungen vorherrschen die erzwingen die Gruppenarbeit zu erhalten. Wenn sie gemeinsam am Band arbeiten, stellen sie schon von daher gesehen eine Gruppe dar. Aber interessanterweise sind auch die Arbeitskategorien, von denen man eher vermuten würde, dass sie aufgrund der Hochqualifikation einer sehr isolierten Tätigkeit nachgehen, dann wiederum manchmal vergemeinschaftlicht worden. Ich meine der Pilotenstand ist ja wirklich interessant. Das sind hochbezahlte Leute, und man würde doch vermuten, dass sie von ihren Arbeitsbedingungen her, gehören sie eher dem Typ des isolierten Einzelarbeiters an. Aber das die in der Lage sind sich zu einem Streik zusammen zu schließen, der auch große Macht hat, ein großes Berufspotential hat, bedeutet das dort wahrscheinlich die Gewerkschaften erfolgreich waren. Aber, d.h., sie waren erfolgreich in einem Arbeitssegment der Hochqualifikation, und nicht in einem Segment der Niedrigqualifikation, der mit der Niedrigqualifikation einhergehenden Fragmentierung und Prekärisierung also. Insofern beginnt jeder Arbeitskampf und jeder Widerstand gegen die Bedingungen die Sie beschreiben immer mit der Gruppenbildung. Und soviel man machen kann muss man dazu beitragen, da ist jeder Gewerkschaftler wahrscheinlich gefragt. {diálogo entre participantes, longe do microfone}. Globalisierung... Gut, ich meine was kann man dazu sagen? Das Mittel dagegen wäre Internationalisierung der Gewerkschaften, die ja auf dem Weg ist, aber extrem schwer ist. Wie will eine brasilianische Gewerkschaft mit einer Gewerkschaft in China, unter ganz anderen rechtlichen Bedingungen, operieren können, und wahrscheinlich eher Organe der Partei beinhalten, als unabhängige Organe, wie soll da eine Zusammenarbeit stattfinden?

**Entrevista**

Recebida em 22 de Abril de 2016

Aceita em 04 de Maio de 2016